

A RETÓRICA DA DIVERSIDADE CULTURAL EM LISBOA: CONTRASTES ENTRE DISCURSO E PRÁTICA NAS TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS BRASILEIROS

Bianca Lyrio¹

Resumo: Este artigo analisa como estudantes brasileiros em Lisboa vivenciam a retórica da diversidade cultural promovida pela cidade. A pesquisa aborda as percepções desses estudantes sobre Lisboa como uma metrópole cosmopolita e multicultural, contrastando expectativas iniciais com experiências vividas. Utilizando entrevistas semiestruturadas e análise temática, o estudo revela ambiguidades e tensões no processo de integração, destacando barreiras enfrentadas, especialmente por mulheres. Os resultados indicam que, apesar da imagem inclusiva projetada, há desafios significativos na convivência cotidiana, influenciados por questões de classe, gênero e história colonial. Conclui-se que a retórica de *city branding* de Lisboa nem sempre se traduz em uma experiência inclusiva para os imigrantes.

Palavras-chave: Diversidade Cultural; City Branding; Estudantes Brasileiros; Integração; Lisboa.

Abstract: This article analyses how Brazilian students in Lisbon experience the rhetoric of cultural diversity promoted by the city. The research examines these students' perceptions of Lisbon as a cosmopolitan and multicultural metropolis, contrasting initial expectations with lived experiences. Using semi-structured interviews and thematic analysis, the study reveals ambiguities and tensions in the integration process, highlighting barriers faced, particularly by women. The results indicate that, despite the inclusive image projected, there are significant challenges in daily coexistence, influenced by issues of class, gender, and colonial history. It concludes that Lisbon's city branding rhetoric does not always translate into an inclusive experience for immigrants.

Keywords: Cultural Diversity; City Branding; Brazilian Students; Integration; Lisbon.

¹ Doutoranda em Estudos Urbanos, um programa conjunto entre o Iscte-IUL e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). É licenciada e mestre em Geografia e pós-graduada em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui interesse nas temáticas da migração e desigualdades sociais entre estudantes brasileiros no ensino superior português, culturas juvenis e migração de estilo de vida. E-mail para contato: bialyriomap@gmail.com.

1. Introdução

Nos últimos anos, Lisboa tem se consolidado como um destino privilegiado para estudantes brasileiros que buscam formação principalmente em níveis de mestrado e doutorado (DGEEC, 2024). Esse fluxo migratório crescente insere-se em um contexto mais amplo de transformações urbanas e reconfiguração dos discursos sobre a cidade, especialmente no que tange à diversidade cultural (ZUKIN, 2010). Lisboa tem se promovido como uma metrópole inclusiva, aberta ao cosmopolitismo e atravessada por uma rica convivência entre diferentes culturas (MENDES et al., 2016). Contudo, até que ponto essa narrativa se reflete na experiência cotidiana dos imigrantes? Este artigo tem como objetivo analisar como estudantes brasileiros em Lisboa vivenciam essa retórica da diversidade e em que medida suas trajetórias revelam ambiguidades e tensões no processo de integração. A partir das narrativas dos entrevistados, busca-se compreender se a cidade efetivamente propicia um ambiente de inclusão ou se há barreiras que limitam essa experiência.

Ao longo deste artigo, serão discutidas as percepções dos entrevistados sobre Lisboa como cidade cosmopolita e multicultural, bem como os contrastes entre a expectativa inicial e a experiência vivida. Para isso, recorreremos à literatura sobre urbanismo, discursos de *city marketing*² e experiências migratórias para contextualizar os relatos coletados. Dessa forma, buscamos contribuir para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a mobilidade acadêmica e a integração de imigrantes em grandes centros urbanos. Este estudo pretende ainda avançar na compreensão da mobilidade estudantil internacional ao lançar luz sobre dimensões frequentemente secundarizadas nas análises sobre migração acadêmica. Ao privilegiar narrativas individuais e incorporar categorias como gênero, classe e raça, a investigação revela como experiências cotidianas são atravessadas por relações de poder herdadas de processos históricos mais amplos, como o colonialismo. Ao abordar a retórica da diversidade cultural de Lisboa sob a ótica de estudantes brasileiros — em especial mulheres —, este trabalho propõe uma leitura crítica dos discursos institucionais, enfatizando as desigualdades estruturais e simbólicas que permeiam o cotidiano migrante e as tensões vividas na cidade.

² Estratégia de promoção da cidade voltada para atrair turistas, investidores e novos residentes, utilizando técnicas semelhantes às do marketing comercial para fortalecer sua imagem no mercado global.

2. A cidade como mercadoria: perspectivas teóricas sobre *city-branding*³ e diversidade urbana

A transformação das cidades em mercadorias dentro de uma lógica mercantilizada tem sido amplamente debatida na literatura. Harvey (1996) argumenta que a urbanização contemporânea está intrinsecamente ligada à acumulação do capital, levando à transição de uma abordagem gerencial para um modelo de empresariamento urbano. Esse novo paradigma impulsiona cidades a adotar estratégias competitivas para atrair investimentos, capitalizando suas qualidades simbólicas e materiais como produtos de mercado (HARVEY, 1989).

Vainer (2000) amplia essa discussão ao introduzir o conceito de cidade-mercadoria, no qual determinados territórios são privilegiados para valorização econômica, enquanto outras áreas são marginalizadas ou relegadas a funções específicas que reforçam desigualdades espaciais. Essa estratégia é acompanhada pelo uso de *city marketing*, um mecanismo que, conforme indica Arantes (2000), busca promover a imagem das cidades como produtos desejáveis para turistas, investidores e novos residentes. O modelo de Barcelona tornou-se uma referência global nesse sentido, ao vender a cidade como um espaço de criatividade, efervescência cultural e alta qualidade de vida, atraindo tanto visitantes quanto investidores imobiliários e empresariais (ARANTES, 2000).

No contexto de Lisboa, essa dinâmica se materializa em políticas urbanas que visam projetá-la como um centro cosmopolita e multicultural, reforçando uma identidade urbana associada à diversidade cultural. No entanto, estudos recentes demonstram que há uma disparidade entre essa imagem institucional e a realidade vivida pelos grupos que a cidade busca atrair, como turistas, migrantes de estilo de vida⁴ e estudantes internacionais. França et al. (2023) analisam criticamente como o *city-branding* de Lisboa como “cidade Erasmus” tem sido usado como estratégia para promover a cidade como um polo estudantil internacional, ao mesmo tempo em que impulsiona processos de gentrificação e exclusão habitacional. Esse estudo é particularmente relevante para a presente pesquisa, pois oferece uma base teórica para compreender a relação entre os discursos oficiais de inclusão e a experiência concreta dos

³ Processo mais amplo e duradouro que busca consolidar a identidade da cidade, associando-a a determinados valores, imagens e atributos culturais, econômicos ou históricos.

⁴ Os migrantes de estilo de vida foram definidos como “indivíduos relativamente ricos de todas as idades, deslocando-se (...) para locais que, por várias razões, significam, para o migrante, uma qualidade de vida melhor” (BENSON & O'REILLY, 2009, p. 609)

estudantes internacionais. Ao demonstrar o descompasso entre as políticas de *rebranding*⁵ urbano e os desafios enfrentados por essa população, o trabalho de França et al. (2023) auxilia na construção de um referencial analítico para avaliar até que ponto as narrativas institucionais de diversidade cultural em Lisboa são efetivamente incorporadas ao cotidiano dos estudantes internacionais.

A imagem de Lisboa como destino universitário global é parte de uma estratégia municipal que, segundo França et al. (2023), visa atrair estudantes internacionais como agentes de valorização econômica, mas falha em abordar as dificuldades estruturais enfrentadas por esses indivíduos. O estudo destaca que o *rebranding* de Lisboa como um “hub de conhecimento” e “cidade criativa” tem gerado contradições, especialmente no que diz respeito à crise habitacional. A expansão do turismo e da mobilidade estudantil tem pressionado o mercado imobiliário, encarecendo aluguéis e reduzindo a disponibilidade de moradia acessível, forçando estudantes e residentes locais a disputar espaços urbanos sob condições cada vez mais adversas (FRANÇA et al., 2023).

Essa discrepância entre discurso e realidade também se reflete na construção de um imaginário urbano seletivo, que enfatiza determinados perfis de moradores desejáveis enquanto ignora ou marginaliza populações que não se encaixam nesse modelo. Em consonância com as discussões sobre a mercantilização das cidades, Mitchell (2003) aponta que tais estratégias de *branding* urbano frequentemente mascaram desigualdades estruturais, utilizando a retórica da inclusão e da diversidade para justificar transformações que, na prática, contribuem para processos de exclusão social e espacial.

Essa tensão entre discurso e vivência ganha contornos ainda mais complexos quando observada à luz das experiências migratórias de brasileiros em Lisboa. Embora o *city-branding* da cidade insista na retórica da inclusão e da diversidade cultural, essa narrativa institucional frequentemente colide com experiências marcadas por desigualdades de classe, raça e nacionalidade. Os estudos reunidos por Marques et al. (2015) apontam que, mesmo entre imigrantes brasileiros com inserção legal e alto grau de escolaridade, como é o caso dos estudantes entrevistados nesta pesquisa, persistem dinâmicas de precariedade, segmentação no mercado de trabalho e discriminação, em especial contra mulheres e sujeitos racializados. A mobilidade estudantil, longe de ser um processo neutro ou universal, se dá dentro de estruturas assimétricas que refletem o legado colonial e os atuais regimes de desigualdade.

⁵ Redefinição da identidade e imagem de uma cidade, geralmente como resposta a mudanças socioeconômicas ou para reposicioná-la no cenário global.

É nesse ponto que o pensamento pós-colonial, especialmente o de Mbembe (2017), contribui para aprofundar a crítica ao projeto urbano de Lisboa. Ao propor uma “crítica da razão negra”, o autor revela como a modernidade ocidental — que estrutura também os discursos urbanísticos de inclusão — está intrinsecamente ligada à colonialidade, à racialização e à desumanização do outro. O autor argumenta que o “devir-negro do mundo” representa uma condição ampliada de subalternização e que, nas sociedades europeias, a racialização não desapareceu, mas se reorganizou sob novas linguagens de exclusão, muitas vezes ocultas sob a aparência de cosmopolitismo e diversidade. Em contextos como Lisboa, isso se manifesta na forma como certos corpos — mesmo brancos, mas “latino-americanos”, “sul-americanos” ou “imigrantes” — são posicionados em hierarquias sociais e urbanas específicas.

Dessa forma, a cidade torna-se um espaço de tensão entre a retórica de inclusão e os desafios concretos enfrentados pelos estudantes brasileiros. Essa contradição entre a Lisboa idealizada e a Lisboa vivida levanta questionamentos sobre até que ponto o *city-branding* pode efetivamente contribuir para uma cidade mais inclusiva e acessível. Assim, o debate em torno do *city marketing* e da cidade-mercadoria é essencial para compreender as experiências desses estudantes e os desafios socioterritoriais que permeiam sua integração na capital portuguesa.

3. Breves notas metodológicas

A pesquisa baseia-se em oito entrevistas semiestruturadas e em profundidade realizadas de maneira virtual entre abril e maio de 2020. Esse método permitiu captar experiências, valores, opiniões, aspirações e motivações dos entrevistados (LIMA, 2016), elementos essenciais para a compreensão do objeto de estudo. As entrevistas tiveram duração variável entre 40 minutos e 1 hora e 40 minutos, e houve contato posterior para esclarecimento de dúvidas durante o processo de análise dos dados. Além disso, a interpretação dos achados foi posteriormente enriquecida pelas impressões da autora já em campo, considerando sua vivência no contexto estudado.

Os participantes foram selecionados por meio de redes de contato anteriores e da técnica da bola de neve, sendo atribuídos nomes fictícios para preservar suas identidades. A amostra é composta por quatro homens e quatro mulheres, com idades entre 23 e 32 anos, todos oriundos de grandes centros urbanos brasileiros — especialmente do Rio de Janeiro, cidade de origem da própria pesquisadora. Migraram para Portugal com o objetivo principal de cursar mestrado

ou doutorado, possuíam experiência prévia de mobilidade internacional e domínio de, ao menos, uma língua estrangeira além do português, predominantemente o inglês.

Do ponto de vista socioeconômico, os entrevistados se enquadram dentro das chamadas “camadas médias”, conforme a formulação de Gilberto Velho (1973), compartilhando uma origem de classe média com variações internas significativas. Embora todos tenham contado com apoio familiar — financeiro e/ou emocional — para viabilizar a migração e os estudos em Portugal, há nuances importantes: alguns frequentaram instituições privadas de ensino com bolsas integrais, outros residiam em bairros tradicionalmente valorizados, mas também há casos de maior independência financeira e trajetórias marcadas por momentos de instabilidade. Essas variações revelam que, ainda que o grupo seja relativamente coeso, há distinções importantes no interior dessa categoria social ampla.

Quanto à dimensão racial, optou-se pela autodeclaração dos participantes com base na classificação do IBGE. Essa pergunta foi feita posteriormente às entrevistas, por meio de contato privado via *Whatsapp*, estimulando uma reflexão que considerasse não apenas os aspectos fenotípicos, mas também a inserção social de cada um. Dos oito entrevistados, seis se identificaram como brancos e dois como pardos, embora um deles tenha expressado incerteza quanto à sua identificação racial. A escolha por essa abordagem reflete o entendimento de que, no Brasil, as categorias raciais são atravessadas por percepções subjetivas, regionalismos e desigualdades estruturais (NOGUEIRA, 2007).

A análise temática foi adotada como estratégia interpretativa, conforme proposto por Clarke e Braun (2017), permitindo identificar padrões de sentido nas narrativas dos entrevistados. O roteiro das entrevistas incluía perguntas abertas e flexíveis sobre os motivos da migração, a escolha do curso e da universidade, o processo de preparação para a mudança, a vivência no ambiente acadêmico e social, e as percepções sobre a cidade e suas relações interpessoais. Dessa forma, foi possível compreender melhor as expectativas e os desafios enfrentados por esse grupo específico de estudantes brasileiros em Lisboa, cujas experiências estão imbricadas com suas posições sociais, raciais e de gênero.

4. A cidade cosmopolita e a produção simbólica da diversidade

Como mencionado anteriormente, o *city marketing* da cidade de Lisboa se relaciona com discursos voltados para sua projeção enquanto uma metrópole cosmopolita, multicultural, com muitos imigrantes vivendo nela, e por isso, um lugar com bastante diversidade. Nessa

direção, estudando sobre as imagens da cidade planejada e o pensamento estratégico urbano de Lisboa, a pesquisadora Sofia Santos (2008) argumenta que o entendimento da cultura como um setor essencial para a economia de uma região ou país, pode impulsionar sobremaneira o desenvolvimento de determinado local.

A integração da diversidade cultural no discurso do desenvolvimento regional e urbano desenvolve-se com o reconhecimento da contribuição do sector cultural para o desenvolvimento económico. (...) É neste enquadramento que a diversidade cultural da cidade começa a existir como valor no discurso do pensamento estratégico urbano, através da definição de um ambiente urbano atractivo, estimulante e criativo pela sua tolerância, o cosmopolitismo e a abertura à diferença. (SANTOS, 2008, p. 132)

Refletindo sobre os aportes teóricos anteriores e analisando as narrativas dos entrevistados, podemos constatar que essa imagem de Lisboa multicultural, cosmopolita, dentre outros adjetivos que já lançamos mão para descrevê-la, de fato estão arraigados no imaginário do grupo em questão. Assim, podemos compreender que de modo geral, também está inserida nas representações que os imigrantes com um perfil parecido com o dos entrevistados desta pesquisa possuem sobre a metrópole. Vejamos o depoimento de um dos interlocutores sobre como ele percebe Lisboa. Seu discurso é de um apreço imenso a respeito do que a cidade representa para ele e como esta contribui com boas experiências, tendo sido destacado a questão da diversidade cultural.

— Eu gosto muito de Lisboa porque é uma cidade muito cosmopolita, então você vai pro Bairro Alto, você vê gente de todas as nacionalidades e todo mundo faz Erasmus e todo mundo conversa. Eu tenho amigos italiano, alemão, romeno... você vê a realidade de outros países, você conversa com as pessoas, você tem essa noção, isso é muito legal... um lugar multicultural (Eric, natural de Brasília, mestrando em Análise e Gestão de Risco na Universidade Nova de Lisboa).

Apesar de Eric ter sido o único dentre os entrevistados que em seu discurso positivo sobre Lisboa, também enaltece a convivência mais profunda com pessoas de diferentes países, além da possibilidade de fazer novos amigos de distintas culturas, no que tange a opinião sobre a cidade, podemos afirmar que os demais do grupo também compartilham de uma visão bastante enaltecida. Paula⁶, por exemplo, afirmou o seguinte: “Eu prefiro centros grandes, por Lisboa ser capital, ela é mais movimentada, ela tem uma climatização, um ambiente parecido com o Rio [de Janeiro], mais ou menos”. Gustavo⁷ também relatou gostar de viver em

⁶ Natural do Rio de Janeiro, mestranda em Direito Financeiro e Fiscal na Universidade de Lisboa.

⁷ Natural de Vitória, mestrando em *Marketing Intelligence* na Universidade Nova de Lisboa.

Lisboa, segundo ele: “Eu acho muito cosmopolita. Aqui você aprende muito sobre diversas culturas, você tem muita cultura na rua, do próprio povo, porque tem muito imigrante aqui. (...) Como eu falei, as paisagens aqui são belíssimas. (...) Eu acho que a qualidade de vida aqui é muito boa”.

A partir da fala de Paula e Gustavo, vemos que ambos concebem Lisboa como uma cidade boa de se viver devido a um conjunto de fatores bem específico: trata-se de uma metrópole, que, portanto, possui uma grande quantidade de comércio, serviços e cultura em efervescência. Acreditamos que esse cosmopolitismo ao qual Gustavo cita é também uma parte do que nossos interlocutores buscavam experienciar ao escolherem Lisboa como destino migratório. Nesse sentido, o antropólogo Gilberto Velho (2010) nos ensina que

já faz parte do senso comum identificar metrópole com cosmopolitismo. (...) O cosmopolitismo se oporia ao localismo e a um, quase pejorativo, provincianismo. A *cosmopolis* pode ser uma indicação de um mundo sem fronteiras, de características universalistas. (...) Assim, historicamente, a circulação, o trânsito, a troca, a interação, contribuem para a cosmopolitização. Por outro lado, o cosmopolitismo, no que toca à sociedade moderno-contemporânea, pelo menos desde o Romantismo, associa-se, sobretudo, a valores e perspectivas individualistas (VELHO, 2010, p. 15-16).

É importante compreender que o fato de estarem inseridos em uma grande cidade, onde circulam intensamente informações e diferentes tipos de trocas — culturais, comerciais, políticas etc. —, favorece a disseminação de ideias e amplia as interações e articulações, especialmente dentro da rede de imigrantes. No entanto, vale destacar a observação final do autor, que aponta para uma postura cada vez mais individualizada dos cidadãos, diretamente ligada a esse processo de cosmopolitismo. Ser cosmopolita, portanto, não implica necessariamente em uma valorização das relações sociais mais profundas com diferentes pessoas, mas sim na intensificação das trocas e no ritmo de vida acelerado. Mais adiante, discutiremos como esse fenômeno contribui para o aumento da individualização e para o fechamento dos interlocutores desta pesquisa em grupos semelhantes.

Ademais, constatamos que Marcela⁸ também possui uma grande afeição por Lisboa. Em sua primeira experiência na cidade, numa viagem de férias com o namorado na época, hoje marido, e os pais dele em 2013, ela relatou ter sentido uma familiaridade grande com a parte central da capital lusa: “Eu me senti meio em casa logo de primeira, porque eu me identifiquei muito com aquela arquitetura. E eu falei ‘nossa, isso aqui parece o centro da cidade’ [do Rio de

⁸ Natural do Rio de Janeiro, doutoranda em Design de Comunicação na Universidade de Lisboa.

Janeiro]. Óbvio, mil vezes mais conservado, aqui restauram o tempo todo (...) então tudo é muito perfeito”. Nessa oportunidade, ela conheceu o país a partir das narrativas de seus sogros, que são historiadores e descendentes de portugueses. E assim, eles apresentaram Portugal aos dois de uma forma bastante subjetiva, que de acordo com Marcela chegava a emocioná-la.

Após seu relato, foi perguntado se mesmo tendo vivido durante o mestrado entre 2015-2017 e durante a recolha de dados, ao longo do doutorado⁹, ela conseguia sentir essa admiração tão grande pelo país como da primeira vez em que o visitou. Afinal, o dia a dia de uma cidade é completamente distinto da dinâmica de uma viagem com fins turísticos. E sua resposta foi bastante positiva. Marcela disse que continuava se encantando por Portugal, principalmente pela qualidade de vida que o país proporciona a sua população (altamente valorizada pelos participantes desta pesquisa), mas também pelo cuidado com o patrimônio público.

— Eu ando pelas ruas... e eu me encanto... principalmente pela simplicidade. (...) A gente vem ter uma vida tranquila, ter uma qualidade de vida. Você anda pelas ruas, você vê os prédios, por mais antigos que eles sejam, eles são bem cuidados. Você vê muitos senhores nas ruas, então você percebe que o sistema de saúde é bom. (...) E chegando na minha casa segura, por mais tarde que fosse. Isso me encanta muito. Um país que consegue preservar isso, nossa segurança... o bem-estar da população. E o bom estado dos imóveis... eles preservam a história.

As falas de Marcela são bastante interessantes, pois abordam dentre alguns assuntos pertinentes, a questão da revitalização do espaço público, isto é, de como a ideia de conservar os edifícios, de viver em uma cidade que valoriza seu patrimônio arquitetônico, é de suma importância para essas pessoas. Nessa direção, para Santos (2008) as cidades têm investido muito na regeneração de determinadas áreas com o objetivo de atrair capitais e atividades rentáveis, com destaque para o turismo. Além disso, junto com esse enaltecimento da constante renovação urbana, há ainda a criação de eventos também de apelo turístico. Podemos citar diversos exemplos, mas o mais emblemático é sem dúvida os Jogos Olímpicos, tendo como modelo inaugural dessa lógica as Olimpíadas de Barcelona de 1992. Se quisermos ilustrar especificamente com um exemplo de Lisboa, podemos mencionar a marcante Expo’98 (Exposição Mundial de Lisboa de 1998), um grande plano de requalificação da parte oriental da cidade que culminou na projeção da imagem internacional do país. Podemos inclusive dizer que esse foi o ponto de partida nessa metrópole para torná-la a cidade-mercadoria de que fala

⁹ Depois de concluir o mestrado em Portugal, Marcela retornou ao Brasil, se casou e viveu algum tempo com seu marido no Rio de Janeiro. Contudo, eles decidiram voltar à Lisboa, chegando pela segunda vez em outubro de 2019 para cursarem doutorado e construir uma nova vida juntos.

Vainer (2000). Vejamos nas palavras de Santos (2008), como se desenvolvem esses acontecimentos em algumas metrópoles do continente europeu.

Investindo na importância da percepção e das expectativas como componentes do território enquanto produto, designadamente turístico, muitas capitais europeias apostaram no modelo do quarteirão cultural para a revitalização de bairros históricos e desindustrializados. As operações de regeneração urbana surgem relacionadas com a valorização do património e com a realização de eventos de carácter claramente turístico integrados numa estratégia alargada de marketing urbano. (...) A intervenção no espaço público revela uma perspectiva ideológica de política de cidade. A questão da representação no espaço público põe-se então de outra perspectiva: trata-se de olhar o espaço público como o lugar que representa a cidade e consequentemente a visão política da respectiva entidade gestora (SANTOS, 2008, p. 135).

Temos, portanto, o alinhamento de dois ideais urbanos muito importantes e amplamente utilizados por Lisboa, resumidamente, a revitalização de determinados espaços públicos e a abordagem cultural enquanto retórica ideológica de cidade. Esses dois pontos demonstram “a visão política da respectiva entidade gestora”, para usar os termos da autora. E como podemos constatar através das narrativas de Eric, Paula, Gustavo e Marcela esse discurso de cidade os conquistou bastante, a ponto de praticamente não haver críticas em suas falas sobre esse, digamos, “espírito lisboeta”.

Além disso, não devemos perder de vista o perfil desses imigrantes. Como já mencionado, são pessoas que apesar de estarem buscando melhores condições de vida e oportunidades, são indivíduos com algum poder aquisitivo, que valorizam determinadas experiências citadinas que estão em total conformidade com a reprodução capitalista do espaço urbano a qual mencionamos anteriormente. Nesse sentido, não estamos falando dos grupos migratórios comumente marginalizados pela sociedade, mas sim de sujeitos que apresentam algum valor dentro dessa lógica mercantil de cidade. Assim, novamente Santos (2008) explica que “a inscrição dos imigrantes na cultura urbana contemporânea faz-se também no âmbito da produção e do consumo de bens imateriais que aparece no domínio da atividade simbólica” (p. 135).

5. Paradoxos da inclusão: tensões entre discurso e experiência urbana

Avançando em nossas discussões, encontramos um paradoxo entre as narrativas sobre Lisboa apresentadas pelos interlocutores desta pesquisa e o que eles relataram a respeito de seus cotidianos. Com exceção de Eric, quando pensamos exclusivamente nas novas amizades

estabelecidas por estes, constatamos que eles praticamente não se abriram para a formação de novos laços com nacionalidades distintas das suas, nem mesmo a portuguesa, mais próxima culturalmente da brasileira tendo em vista o processo de colonização. No ambiente universitário, por exemplo, mesmo em turmas em que não predominavam estudantes vindos do Brasil, eles disseram se aproximar mais de seus conterrâneos.

Ainda que não tenha sido um movimento calculado, possivelmente, as afinidades provenientes do compartilhamento de realidades culturais mais semelhantes ainda do que as portuguesas podem ter prevalecido. Trata-se de jovens-adultos brasileiros que deixaram seu país por diversos motivos, para tentar recomeçar em Portugal a partir dos estudos no ensino superior. Isso sem contar as próprias áreas de interesse, visto que estamos falando de amizades que começaram, via de regra, dentro do mesmo curso, na mesma sala de aula. Dessa forma, o conceito de “superdiversidade” parece pertinente para entendermos essa questão: “significa que as pessoas não pertençam apenas a grupos étnicos distintos, mas que existem variações dentro destes, tais como estatuto legal, o gênero, a classe, o contexto urbano, etc., que refratam as pertencas” (OLIVEIRA, 2020, p. 2-3).

Desse modo, o trabalho das antropólogas Alessandra Barreto e Rogéria Dutra (2012) sobre trajetórias e projetos individuais em contexto local e transnacional é essencial para nossa análise. As autoras mostram a importância dos laços de solidariedade entre parentes, vizinhos e conterrâneos como fator fundamental para a integração dentro do processo migratório. Elas afirmam que “os laços sociais (...) se configuram em arranjos espaciais urbanos marcados pela tríade parentesco-amizade-vizinhança, sendo atualizados através de ocasiões rituais, emergenciais e de sociabilidade ordinária” (p. 72). Nesse sentido, mesmo que os participantes desta pesquisa buscassem uma interação mais cosmopolita, suas novas amizades provenientes do mesmo lugar de origem revelam, na verdade, o reforço dos laços para com seus compatriotas, na medida em que essas pessoas passam a conviver no dia a dia, compartilhando os mais diversos momentos de suas trajetórias pessoais.

Assim sendo, essas identidades contribuem sobremaneira para tal aproximação, mas apenas esse elemento não explica a complexidade do fenômeno. Refletindo então sobre os motivos que poderiam ter levado esse grupo ao distanciamento para com outras nacionalidades e a aversão que alguns possuem em lidar com os portugueses, encontramos nos seus relatos sobre os primeiros contatos que tiveram nas universidades, o que pode ser uma das respostas para essa postura, sobretudo para as mulheres com as quais conversamos. O fato de que é na universidade que esses estudantes terão seus primeiros contatos mais consistentes no cotidiano

é muito importante, pois é preciso lembrar que todos eram recém-chegados do Brasil, cheios de expectativas sobre seus cursos, as experiências que viveriam e as amizades que fariam. Dessa maneira, percebemos que algumas dessas relações foram frustradas por certos acontecimentos negativos que ocorreram.

Marcela, por exemplo, relatou problemas relacionados ao machismo de um professor. Em uma aula sobre design de produto em que o docente estava falando sobre uma esfregona¹⁰, um dos alunos não entendeu do que se tratava o item e perguntou ao professor, que respondeu em seguida: “A esfregona, que a Marcela usa para limpar a casa”. Marcela relatou que ficou profundamente chateada com a situação, percebida por ela como extremamente machista ao identificar a limpeza doméstica à única mulher brasileira da sala, mas preferiu não discutir com o professor.

— Eu fiquei em choque. (...) E isso foi no início do curso, eu falei ‘Meu Deus, tô ferrada cara’. (...) Fiquei muito preocupada, muito triste. Então assim, com esse professor foi um saco, porque eu tive que passar por todo aquele processo de mostrar que eu era capaz, que eu era uma boa aluna. No final ele tava me amando, mas eu tinha um ‘bode’ eterno dele né. Eu só tinha que ter uma boa nota, eu nunca desrespeitava, mas a minha vontade era de responder. (...) Eu estava querendo a bolsa na época ainda¹¹, mas eu fiquei muito mal, me doeu muito.

É importante frisarmos que as quatro entrevistadas desta pesquisa relataram que compreendem Portugal como um país ainda muito machista, principalmente por parte dos mais idosos, destacando o fato de serem mulheres brasileiras. E no que tange ao ambiente acadêmico, essa situação de vulnerabilidade torna-se ainda mais delicada, tendo em vista que a relação professor-aluno(a) é uma ligação em que o primeiro exerce poder sobre o segundo, e onde vemos claramente um abuso desse domínio em determinadas situações. Mas devemos lembrar que esse assédio no ambiente acadêmico não é exclusivo de Portugal, sendo a bibliografia sobre o tema bastante vasta¹².

¹⁰ No Brasil, esfregão, utensílio doméstico utilizado para limpeza.

¹¹ Marcela conseguiu uma bolsa de isenção das mensalidades na época que cursou o mestrado.

¹² Uma pesquisa realizada pelo *Escritório USP Mulheres* divulgada em 2018 com 17% do corpo de alunos dessa universidade (dentre educandos da graduação e pós-graduação) revelou que quase 40% de seu alunado confirmou já ter passado por alguma situação em que se sentiram “desrespeitada/o, humilhada/o, discriminada/o, intimidada/o” (p. 27). E quando a violência ocorreu por identidade de gênero, os resultados demonstraram sempre um percentual maior de sofrimento por parte das mulheres e não binários. Enquanto 20% dos homens afirmaram ter passado por algum tipo de violência moral, esse número chega a 33% com as mulheres e 48% com indivíduos que se declararam não binários. Além disso, quando o tema foi “Humilhações por parte de professores(as)”, 13% dos homens indicaram ter passado por alguma situação, à medida que esse percentual foi de 22% para mulheres e 28% para não binários (VENTURI et al., 2018). Esses dados revelam a grande desigualdade de gênero existente nesse ambiente que, como observamos com Marcela, é naturalizada.

Roberta¹³ também declarou ter tido problemas com um de seus professores. De acordo com ela, as aulas com esse docente foram muito desgastantes, visto que nem sempre ela tinha fôlego para entrar em discussões com ele, preferindo muitas vezes sair de sala ao invés de permanecer e se estressar. Além do fato de que algumas alunas, segundo ela, não conseguiam perceber as atitudes desse professor (sobretudo as portuguesas) e às vezes ainda respondiam coisas que corroboravam para um panorama ainda mais machista. Numa das discussões, Roberta disse a ele: “Olha, sinto pena de vocês, eu sinto pena daqui, do país, porque se você é a pessoa que influencia e (...) que cria as propagandas para passar na TV, na revista, sendo (...) retrógrado desse jeito, eu tenho pena. Esse país não vai evoluir tão cedo”.

O que nos interessa especificamente nessa investigação, é perceber com esses depoimentos o quanto essas más experiências podem ter corroborado para que as interlocutoras desta pesquisa não só não queiram fazer novos contatos com portugueses (sobretudo homens), como evitem a qualquer custo o mais simples diálogo do dia a dia, seja no transporte público, no supermercado ou em qualquer outro ambiente. É relevante destacar que, no período inicial de permanência da autora em Portugal, observou-se, mesmo em um círculo de amizades ainda restrito e composto exclusivamente por brasileiros, como esse distanciamento se manifesta de forma contundente e é constantemente reforçado, seja por meio de conversas entre conterrâneos ou por novas experiências cotidianas que se revelaram desagradáveis para eles.

Assim, pudemos constatar que as brasileiras, de modo geral, preferem não se relacionar com os portugueses, principalmente em ambientes onde estes exercem maior hierarquia. E também verificamos com o passar do tempo que há certa preferência por frequentar espaços onde há uma maior assiduidade de brasileiros, como bares e restaurantes em que eles sabem que encontrarão seus conterrâneos, ou até mesmo que os garçons ou donos são dessa nacionalidade. Para a antropóloga Susanne Wessendorf (2013) o contato entre distintos grupos é importante não apenas para moldar a atitude das pessoas, mas também porque permite transformar a visão que se tem sobre os outros. Podemos afirmar então que tal confinamento pode ser preocupante, visto que tende a dificultar algumas relações sociais.

Esses relatos permitem pensar a experiência desses estudantes brasileiros à luz do que Mbembe (2017) chama de “heranças da colonialidade”, em que relações assimétricas de poder — embora formalmente superadas — seguem estruturando interações sociais e culturais no presente. A antiga relação colonial entre Brasil e Portugal, mesmo quando não nomeada

¹³ Natural do Rio de Janeiro, pós-graduada em Marketing Digital pela Universidade Nova de Lisboa.

explicitamente pelos interlocutores, aparece como pano de fundo de ressentimentos, estigmas e desconfortos, sobretudo no modo como esses jovens percebem olhares, julgamentos ou microagressões no cotidiano. A colonialidade, nesse sentido, não é apenas um resíduo histórico, mas um modo persistente de organizar o mundo social, ainda que disfarçado sob o verniz da modernidade e da multiculturalidade.

Complementarmente, os estudos reunidos por Marques et al. (2015) revelam como as trajetórias de migrantes brasileiros em Portugal são marcadas por experiências de segmentação simbólica e material, nas quais aspectos como gênero, nacionalidade e racialização interagem para produzir vulnerabilidades específicas. As estudantes brasileiras entrevistadas nesta pesquisa evidenciam isso de modo particularmente agudo: as situações de machismo relatadas não são apenas episódios individuais, mas manifestações de um sistema de dominação em que o “lugar da mulher brasileira” é construído a partir de estereótipos racializados e erotizados (PADILLA & GOMES, 2016; FRANÇA & PADILLA, 2021). Isso aprofunda o sentimento de distanciamento, exclusão e até mesmo autoproteção, levando à reconfiguração dos vínculos de pertencimento e à busca por refúgio em redes mais seguras e culturalmente próximas.

Ademais, os mais velhos, além de terem sido apontados como o grupo com as visões de mundo mais retrógradas na percepção dos participantes, também foram indicados como os mais xenófobos dentre os nativos. Para o cientista social Igor Machado (2007), as relações de reciprocidade entre brasileiros e portugueses, por um lado, são marcadas por bastante proximidade, visto que os primeiros são percebidos como os mais simpáticos em relação a outras nacionalidades. Mas por outro, “revela tensões diversas, assentes no preconceito (a ligação das mulheres brasileiras à prostituição ou uma certa imagem dos brasileiros como ‘conversadores’ ou ‘alegres e abertos’, mas não necessariamente trabalhadores empenhados e muito produtivos)” (p. 12). Vale destacar, contudo, que nenhum dos interlocutores desta pesquisa sofreu com xenofobia num alto nível de repúdio.

Além disso, alguns comentaram sobre terem passado por situações constrangedoras. Daniela¹⁴ disse que em uma das vezes que estava procurando apartamento, falou com sua voz normal (de brasileira, sem o sotaque que usa normalmente quando vai lidar com um português) e o proprietário (português) desligou no meio da ligação. Já Roberta relatou que obteve uma nota mais baixa em um trabalho da faculdade em que sua apresentação foi mais elogiada em relação às demais, mas seus colegas de turma portugueses acabaram por receber notas

¹⁴ Natural do Rio de Janeiro, mestranda em *Information Systems Management* na Universidade Nova de Lisboa.

superiores à dela. Leonardo¹⁵ não relatou ter passado por nenhuma situação, mas mesmo assim sente que existe algum preconceito: “às vezes tem preconceito, tem preferências, sei lá, se eu tivesse as mesmas qualificações de um português, o português seria escolhido numa vaga de emprego, não eu, sabe? E assim, a gente ouve essas histórias de preconceito, eu nunca senti, mas a gente ouve”. Marcela, antes de começar a contar sobre o episódio de machismo com o professor, também comentou de sua percepção sobre o assunto, contando sobre outro percalço que ocorreu com ela e seu marido.

— E realmente os portugueses são muito xenófobos. Eu acho que muito por essa questão mesmo de nós termos sido colônia deles. Acho que alguns veem a gente como inferiores. Mas não é regra. Assim, vir pra cá é você saber que você vai passar uns preconceitos. Não é com todo mundo, mas esteja preparado, porque a gente não estava e foi um choque. (...) E até coisas assim, a gente vai pagar uma conta. O tratamento com a pessoa da frente que é portuguesa... isso a gente passou em 2016... foi totalmente diferente de quando chegou a nossa vez. Na nossa vez, o dono lá do local (...) foi super grosso com a gente, impaciente. (...) Então assim, a gente lida com algumas coisas chatas, mas isso não é regra, tá? É exceção.

Embora esta investigação se concentre na trajetória desses estudantes brasileiros em Portugal e, portanto, em suas perspectivas, é impossível ignorar suas opiniões a respeito do que eles acham que os portugueses pensam deles. A maior parte dos interlocutores compartilham da opinião de que os portugueses são mais distantes em lidar com os outros. Eles foram descritos de diversas formas durante as entrevistas: fechados, frios/ não calorosos, difíceis de fazer amizade, chatos¹⁶. Acreditamos que há uma forte questão cultural incidente sobre ambos os lados. Enquanto não só portugueses, mas os europeus no geral são compreendidos como menos receptivos e abertos para desenvolver relações mais próximas, os brasileiros, e latinos genericamente falando, são entendidos como pessoas muito calorosas.

Dessa forma, é necessário ponderar essa compreensão negativa dos portugueses, visto que o grau de comparação está sendo feito por pessoas que se entendem como diametralmente opostas a essas características. Em certos momentos, alguns dos entrevistados se definiram como pessoas que gostam de abraçar, beijar e estar perto fisicamente de seus amigos, e que eles

¹⁵ Natural de Salvador, pós-graduado em Comunicação e Pesquisa de Tendências na Universidade de Lisboa.

¹⁶ Mas não devemos deixar de mencionar que também há o pensamento mais aberto. Novamente Eric mostra uma fala mais amistosa a respeito da relação entre brasileiros e portugueses: “Ah, não sei, eu acho que brasileiro é naturalmente mais aberto. (...) Eu acho que brasileiro é mais aberto para contar, porque gosta de sair falando as coisas, mas o povo aqui é realmente muito fechado, isso eu não posso negar. (...) Pra você fazer uma amizade com um português é muito difícil, mas depois que você faz, é muito aberto, sabe? É pra vida toda. No trabalho eu fiz amizade (...) um grande amigo e a gente se vê até hoje. Aí você vê, os portugueses são muito fechados, mas depois que eles se abrem, eles se abrem muito”.

têm noção de que isso é algo presente na cultura brasileira. Logo, também se deve apreender o distanciamento do português como um traço de sua cultura local.

Um aspecto interessante desse fenômeno é a maneira como a dimensão cultural é amplamente valorizada na construção de uma visão positiva da cidade. No entanto, em nível local, os conflitos gerados pela convivência entre diferentes culturas emergem justamente como o principal ponto negativo apontado pelos participantes desta pesquisa sobre viver em Lisboa. Dessa forma, espera-se ter contribuído para as discussões mais recentes sobre o processo migratório de brasileiros em Portugal, suas percepções sobre o país e a interação com os nativos.

6. Considerações finais

Temos a expectativa de ter cumprido nosso objetivo inicial, que foi o de analisar como o discurso de *city marketing* de uma Lisboa diversa, cosmopolita, inclusiva etc. incide sobre a perspectiva de estudantes brasileiros. Vimos que de fato, suas narrativas exaltam esse cosmopolitismo da cidade, sendo que sua efervescência cultural foi citada como uma característica bastante positiva de se viver na metrópole. No entanto, há incongruências em suas falas e a maneira com que lidam no dia a dia com os cidadãos nacionais. Principalmente as mulheres evitam ao máximo o contato com os portugueses, o que é compreensível, visto suas más experiências, mas também contribui para reforçar sobremaneira a tensão entre esses dois grupos.

Devido à complexidade desse tema, vale novamente mencionar o trabalho de Wessendorf (2013). A autora analisa que alguns estudiosos, como Boyd (2006) e Vertovec (2007), argumentam que encontros rápidos no espaço público tendem a moldar atitudes mais pacíficas e positivas em relação ao outro. Por outro lado, Valentine (2008) sustenta que interações casuais entre culturas diferentes nem sempre resultam em mudanças significativas de percepção. Nessa linha, Wessendorf (2013) compreende que “encontros em público e em espaços associativos não necessariamente aumentam a compreensão intercultural mais profunda, mas que a ausência de tais encontros pode aumentar o preconceito” (p. 410). Diante disso, cabe refletir sobre como as estratégias adotadas pelos entrevistados para lidar com a diferença podem, inadvertidamente, reforçar posturas que eles próprios criticam, levando a uma interação mais reservada e distante.

Apesar das contribuições deste estudo, é importante reconhecer algumas limitações da pesquisa. A amostra, composta por oito estudantes brasileiros, foi construída por meio da

técnica de bola de neve, o que tende a favorecer a inclusão de indivíduos com perfis sociais semelhantes, refletindo redes de contato mais próximas da pesquisadora. Isso resultou em um grupo relativamente homogêneo, majoritariamente oriundo de grandes metrópoles, de camadas médias urbanas e com experiências anteriores de mobilidade internacional. Além disso, a maioria dos participantes se autodeclarou branca, o que evidencia uma sub-representação de estudantes negros e de origem periférica, cujas experiências em contextos migratórios podem apresentar outras nuances e desafios. Assim, os achados desta pesquisa não pretendem ser generalizáveis para a totalidade da população de estudantes brasileiros em Portugal, mas sim oferecer uma análise situada, a partir de um segmento específico.

Pesquisas futuras poderiam ampliar esse escopo, incorporando recortes interseccionais mais diversos, o que certamente enriqueceria a compreensão sobre os múltiplos modos de vivenciar a mobilidade acadêmica internacional. Ademais, os resultados aqui apresentados podem subsidiar a formulação de políticas públicas, tanto no campo urbano quanto no educacional, voltadas à promoção de uma integração mais efetiva de estudantes, por exemplo, por meio de ações institucionais de acolhimento, combate a práticas discriminatórias e valorização da diversidade nos espaços acadêmicos e nas dinâmicas urbanas.

Concluimos este trabalho com a expectativa de ter contribuído para as reflexões sobre o espaço urbano, especialmente no que se refere às relações dos imigrantes com a cidade e com os cidadãos locais. Além disso, buscamos explorar o impacto da retórica política sobre a diversidade no imaginário dessas pessoas. Observamos que esse discurso exerce uma forte influência, moldando a forma como os entrevistados percebem Lisboa e seu apreço por viver na cidade. No entanto, ao aprofundarmos a análise em uma escala mais cotidiana, essa narrativa se enfraquece, dando lugar às dinâmicas reais da vida urbana, nas quais emergem tensões e frustrações. Ainda assim, esperamos que o contato contínuo com a diversidade possa, ao longo do tempo, favorecer interações mais positivas.

Referências:

ARANTES, Otilia. “Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas”. In: ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. **A Cidade do Pensamento Único: desmanchando Consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 11-74.

BARRETO, Alessandra; DUTRA, Rogéria. “Quando o Campo se move: trajetórias e projetos entre redes locais e transnacionais”. **Antropolítica**, n. 32, p. 65-85, 1 sem. 2012.

BENSON, Michaela; O'REILLY, Karen. "Migration and the search for a better way of life: a critical exploration of lifestyle migration". **The Sociological Review**, v. 57, n. 4, p. 608-625, 2009.

BOYD, Richard. "The Value of Civility?" **Urban Studies**, v. 43, n. 5-6, p. 863-878, 2006.

CLARKE, Victoria; BRAUN, Virginia. "Thematic analysis". **The Journal of Positive Psychology**, v. 12, n. 3, p. 297-298, 2017.

DIREÇÃO-GERAL DE ESTATÍSTICAS DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (DGEEC).

Resultados do Inquérito Raides23 — Ano letivo 2023/2024. 2024. Disponível em:

<https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww.dgeec.medu.pt%2Fapi%2Fficheiros%2F6628c2a848f22fa765197ab9&wdOrigin=BROWSELINK>. Acesso em: 25/02/2025.

FRANÇA, Thais.; CAIRNS, David.; MALET CALVO, Daniel.; AZEVEDO, Leonardo. "Lisbon, the Portuguese Erasmus city? Mis-match between representation in urban policies and international student experiences". **Journal of Urban Affairs**, v. 45, n. 9, p. 1664-1678, 2023.

FRANÇA, Thais; PADILLA, Beatriz. "Tecendo experiências migratórias: brasileiras em Portugal: entre o preconceito e a sexualização". In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; FRANÇA, Thais; PADILLA, Beatriz (Org.). **Gênero e mobilidades no tempo presente**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2021. p. 25-56.

HARVEY, David. "Do gerenciamento ao "empresariamento": a transformação da administração urbana no capitalismo tardio". **Espaço & Debates**. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, v. 36, p. 48-64, 1996.

HARVEY, David. "From managerialism to entrepreneurialism: The transformation in urban governance in late capitalism". **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, v. 71, n. 1, p. 3-17, 1989.

LIMA, Marcia. "O uso da entrevista na pesquisa empírica". In: Sesc São Paulo/CEBRAP. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**: bloco qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016. p. 24-41.

MACHADO, Igor José de Renó. "Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal". In: MALHEIROS, Jorge (Org.). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI). Presidência do Conselho de Ministros, 2007.

MARQUES, José Carlos Laranjo; PEIXOTO, João; PADILLA, Beatriz; GÓIS, Pedro. **Vagas Atlânticas**: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI. Lisboa: Mundos Sociais, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2017.

MENDES, Luís; AMÍLCAR, Anselmo; CARREIRAS, Marina; GUIMARÃES, Pedro. Master class “City Making & Tourism Gentrification”. **Finisterra**, v. 51, n. 103, p. 117-123, 2016.

MITCHELL, Dom. **The right to the city**: social justice and the fight for publicspace. Guilford Press, 2003.

NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 19, n. 1. p. 287-308, jun. 2007.

OLIVEIRA, Nuno. **Diversidade(s):** paradigmas, modelos e governança. Editora Mundos Sociais, CIES-Iscte, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, julho de 2020.

PADILLA, Beatriz; GOMES, Mariana Selister. “Empoderamento, interseccionalidade e ciberativismo: uma análise do 'Manifesto contra o preconceito às mulheres brasileiras em Portugal’”. **Revista TOMO**, n. 28, p. 169-201, jun. 2016.

SANTOS, Sofia. “Imagens da cidade planeada: a diversidade cultural e o pensamento estratégico urbano de Lisboa”. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 57, p. 15-23, Oeiras, maio 2008.

VAINER, Carlos. “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planeamento estratégico urbano”. In: ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. **A Cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 75-103.

VALENTINE, Gill. “Living with difference: reflections on geographies of encounter”. **Progress in Human Geography**, v. 32, n. 3, p. 323-337, 2008.

VELHO, Gilberto. “Metrópole, Cosmopolitismo e Mediação”. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 33, p. 15-23, jan./jun. 2010.

VELHO, Gilberto. **A Utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VENTURI, Gustavo; CAPOCCHI, Elizabete; BLAY, Eva Alterman; SANTOS, Paula Kind. **Interações da USP**: primeiros resultados da pesquisa. São Paulo: Escritório USP Mulheres, 2018.

VERTOVEC, Steven. **New complexities of cohesion in Britain**: super-diversity, transnationalism and civil-integration. A thinkpiece for the commission on integration and cohesion. London: Department for Communities and Local Government, 2007.

WESSENDORF, Susanne. “Commonplace diversity and the ‘ethos of mixing’: perceptions of difference in a London neighbourhood”. **Identities: Global Studies in Culture and Power**, v. 20, n. 4, p. 407-422, 2013.

ZUKIN, Sharon. **Naked city**: the death and life of authentic urban places. Oxford: Oxford University Press, 2010.